

# A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:— Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 13200 reis. Annuetos, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remittida a folha pelo correio, anno 13500 rs., semestre 750 rs.— avulso 40 reis. Toda a correspondencia sera dirigida á administração, franca de porto, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 26

BRAGA

SABBADO 22 DE JULHO DE 1882

A PEDRA DA

Quê partido é que perilha o facto?

A grande commissão que do Porto foi a Lisboa agradecer ao governo e ao chefe do estado a approvação do syndicato Salamancá, ao entrar na capital do reino, é recebida á pedrada pelos discursos de um partido qualquer, sendo feridos e contusos alguns dos membros d'aquella commissão.

Desle que a canalha fez aliança com os homens politicos, não nos surpreendem casos como este.

Os homens do governo, os amigos do governo tem deixado que a pedra e o apoio campeiem nas ruas das cidades contra homens venerandos e inoffensivos. Esta tolerancia inadmissivel devia dar os seus naturaes resultados. Ha dias foi apupado o sr. presidente do conselho de ministros, agora é apedrejada uma commissão respeitavel em todo sentido. Amanhã sairá do gabinete todo o governo accossado á pedra, e quando nas vidraças da Ajuda apparerem os promettidos escriptos, sahirá tambem a coroa pelo menos corrida á pedra!

Orá que isto tudo tivesse de acontecer, todos o esperavam; porém que tão cedo começasse, é que ninguem previra.

Quando nas ruas do Porto, á porta das Egrejas, e nas praças forem insultados e apupados os sacerdotes, e insultada a aucloridade ecclesiastica, e profanados os sacros religiosos, ha de a cidade imicta recordar-se de que a sua municipalidade, o isen commercio, todas as industrias representadas na grande Commissoo Portuense soffreram igual ultrage.

Mas aquel partido é que toma a responsabilidade d'este attentado contra a inviolabilidade dos direitos politicos d'aquella respeitavel commissão? Quem se responsabilisa pelos insultos, pelas calumnias, arrojadadas sobre o rei e sobre a cidade do Porto, e em duas horas de discursos phosphoricos nos quintaes meettingueiros de Lisboa?

Entre outros nomes dos que assistiram ao meeting vemos figurar o do medico Eduardo Maya; e lemos entre as propostas e apostrophos estapafurdias do digno traficante de cada veres transparecer uma ameaça aos representantes do Porto. Mas este sr. Eduardo Maya é o mesmo que vemos assistir aos meetings do partido progressista, tomar a palavra ao lado do sr. José Luciano de Castro e de outros vultos, fazer parte das suas commissoes etc., etc.

Perguntariamos portanto ao partido progressista se elle toma a responsabilidade dos actos e doutrinas e insultos dos meetings

d'esses meetings que o mesmo partido progressista promove, e que conserva quasi em sessão permanente sob a presidencia do sr. Franca Netto? Perguntar-lhe-hiamos se as ameaças dos meetings, traduzidas em factos, convertidas em pedrada, são um expediente do dia? Perguntariamos se a opposição parlamentar abandonou S. Bento para vir para rua fazer politica, e politica d'esta qualidade, tendo como agentes os guerrilheiros da pedra?

Estamos crentes de que o partido progressista, a quem ainda hontem o Porto deu um frisante testemunho de consideração e confiança, não quizera pagar tão ingratamente os serviços dos portuenses, ultrajando, na pessoa da sua municipalidade, todo um povo. Fazemos justiça ás intenções do partido progressista, mas ao facto não pôde recusar-se um juizo que condemna a sua aliança abstrusa feita, com a canalha.

O caso se outra significação não tivesse, tirar-nos-hia ao menos a esperanza de que ainda é possível que a nação do Estado se não despedace nas restingas para onde a conduziram.

Cada vez mais nos aproximamos de tristes acontecimentos, que são fatalmente inevitaveis.

Ao passo que cada dia estas substancias vem demonstrar a força que tem adquirido a ousadia de alguns desvairados, outros factos nos fazem temer um abalo profundo, que visivelmente se aproxima.

Falla-se á boca pequena de que o sr. Fontes descobriu uma conspiração republicana, ou pelo menos uma pronunciada tendencia republicana em alguns corpos da guarnição de Lisboa, e que por este motivo busca substitui-os.

A ser isto certo, como cremos, não nos parece que o governo lucrará muito enviando para as provincias o philloxera republicano, que virá propagar o mal onde elle não existir ainda, e principalmente quando ha uma certa agitação occasional pela questão tributaria e pela falta e carestia do pão.

Como quer que seja, o espirito publico acha-se sobresaltado com os acontecimentos que se agravam de dia para dia, seni que nenhum acto do governo possa garantir uma só esperanza para o paiz.

É quando paiz se acha agitado quando o partido republicano estende as unhas aduncas, quando estão latentes receios fundados pela ordem, que o governo aconselha á corda que saia do paiz o chefe do Estado em passeio pelo estrangeiro?

Casos ha que surpreendem, por mais legaes que sejam. Se uma visita do Senhor D. Luiz ao rei da Hespanha é um dever de cortezia, que forçosó é respeitar, não menos forçosó é que uns casos como os da actualidade se medite seriamente em

uma questão que não merece menos respeito, é a questão da oportunidade.

Não vemos porém que se attenda a coisa alguma, antes vemos desprezar tudo pelo *laissez-aller* de quem já não conta com o dia d'amanhã.

As pedradas de Lisboa estão em harmonia com tudo o mais que vemos—a anarchia precedendo dias de crimes e de tristeza, nos quaes tem de gemer o paiz, victima de partidos ambiciosos e de governos desleixados, sem patriotismo e sem energia.

E viva a liberdade! Quando a grande commissão portuense se appresentar ao povo para lhe dar conta do seu mandato, toquem-lhe o hymno da Carta! Será elle um balgamo para as feridas abertas pela pedrada democratica no craneo dos representantes do povo. O hymno da Carta, é a *Marselheza* logo em seguida.

## RELIGIÃO

### NOSSA SENHORA DO CARMO

Viram-n'as as fillas de São e a aclamaram benaventurada; e as rainhas a louvaram.

Nossa Senhora do Carmo é um formoso titulo de Maria de todos conhecido: não ha parte alguma do globo illuminada pela celeste luz do christianismo, onde não tenha surgido o culto á Virgem sob aquella divina invocação; e é certo que o Evangelho tem sido pregado em todos os angulos do mundo. É que este titulo grato e harmonioso tem um não sei qué de entusiastico, que atrahie os corações e os espiritos irresistivelmente.

É o carmo ou Carmelo um monte com frequencia mencionado na Sagrada Escripura, e onde o propheta Elias, muitos seculos antes que nascesse a Virgem Maria, formara com o seu discipulo Elisen e outros mais uma especie de comunidade religiosa que, na solidão e austeridade, se dedicava inteiramente ao serviço do Senhor. Crê-se que, novecentos annos depois, estes religiosos, preparados pelo Precursor do Messias, foram dos primeiros que abraçaram a fé christã.

A tradição, atestada por monumentos religiosos, assegura que o culto de Maria é de instituição apostolica. Diz-se que S. Pedro erigiu n'uma das cidades da antiga Phenicia um oratorio á Virgem Santissima, e o inaugurou sollemnemente; S. João Evangelista pôz sob a denominação de sua Mãe adoptiva e bella egreja de Lydda; a primeira egreja de Milão foi dedicada a Maria pelo apostolo S. Barnabé. Nossa Senhora do Pilar, em Hespanha, e Nossa Senhora do

Carmo, na Syria, disputam áquellas egrejas a prioridade.

Segundo a tradição syria, o propheta Agabus levantou, ainda em vida da Virgem, aquella egreja que se vê do mar a grande distancia, e onde os peregrinos e viajantes de todas religiões e de todas as regiões do globo recebem, em nome de Maria, tão tocante hospitalidade.

Tão remota origem tem, pois, segundo a tradição, a grande familia do Carmelo. O que é certo, é que aquella Virgem, avidamente esperada e annunciada nas Escripuras, entre outros pelo propheta Elias, é hoje objecto do culto de todos os christãos.

Se nos propozessemos mencionar os favores singulares concedidos a quantos nas occasiões de perigo tem chamado em seu auxilio a Virgem do Carmo, haveriamos de escrever uma longa chronica composta de muitos volumes. Sempre é Maria protectora de quantos a ella recorrem; porém não sabemos dar a razão d'esta singularidade, que se encontra confirmada pelos Padres e sabios criticos, da sua particular protecção por meio de tão divino titulo. Virgem do Carmo! Quanto ha de mysterioso n'este nome! Que atractivo tem esta invocação de Maria!

A ella anda annexa a ideia do *Escapulario*, cuja origem se diz ser a seguinte:

No seculo XIII, quando a victoria dos sarracenos determinou a dispersão dos filhos do Carmelo por diferentes pontos da Europa, ao chegarem alguns d'elles a Inglaterra teve Simão Stock occasião de conhecer a regna d'aquelle instituto, entrando n'elle pelo sua terra, deogio á Mãe de Deus, e conseguindo pelos seus dozes e virtudes ser eleito Geral d'esta Ordem.

N'um d'aquelles momentos em que a alma sente toda força que a atrahie ao ceu, Simão Stock levantou para Nossa Senhora do Carmo o coração, e com todo o ardor d'um espirito verdadeiramente piedoso supplicou o seu auxilio para os successores do propheta Elias. Então Maria, com o habito de carmelita em que a venera o mundo christão, appareceu a Simão, entregando-lhe esse precioso escapulario que é hoje a divisa de seus predilectos filhos.

Esta appareção cre-se que foi no dia 16 de julho, dia em que o orbe catholico celebra esta festividade, tendo sido confirmada e constantemente protegida por todos os Summos Pontifices desde João XXI; cuja bulla expedida em 1316 é um documento glorioso a favor do escapulario do Carmo, até os Alexandres, os Clementes, os Paulos, os Pios e os Gregorios, que rivalisaram em prodigalizar louvores a esta milagrosa insignia, pehor do affecto da Virgem á humanidade.

<sup>1</sup> P. Orsini, *La Vierge*.  
<sup>2</sup> Pulido Espinosa, *Maria*.

## FOLHETIM

### DOCUMENTO IMPORTANTE DO SEculo XVI

No Diario do Governo n.º 164, de 14 de Julho de 1841, se acha uma Portaria expedida pela Secretaria d'Estado dos Negócios do Reino, com data de 12 do mesmo mez e anno, ao Conselheiro Guarda Mór do Nacional, e Real Archivo da Torre do Tombo, acompanhando a Carta autographa, que El-Rei D. Sebastião dirigio ao Padre Geral do Mosteiro da Santa Cruz de Coimbra, dando-lhe parte da empreza d'Africa, que intentava, e manifestando-lhe o desejo que tinha de levar consigo a Espada, e Escudo do Nossó Primeiro Rei, D. Affonso Hen-

riques, a fim de que o referido Guarda Mór, accusando a recepção d'este precioso, e authectico documento, o faça pôr na devida arrecadação, e guarda.

Em consequencia do apreço, que damos aos monumentos litterarios d'esta natureza, e vendo não ter sido dada á prensa no mesmo Diario a copia d'esta Carta, julgamos fazer um serviço não só ao publico, mas especialmente aos nossos Leitores em lhes offerecer nas columnas do nosso Jornal o conteúdo da mesma, cuja integridade, e exactidão affiançamos, parecendo-nos egualmente a propósito referir o seguinte acontecimento, que tendo-se anticipado alguns annos antes á remessa d'aquella Carta não deixa de ter interesse para a historia do facto.

El-Rei D. Sebastião tendo assistido no dia 20 de Outubro de 1570 a um doutoramento na Universidade passou a visitar as sepulturas de D. Affonso Henriques e D. Sancho. O Prior (a) Mór da Santa Cruz lhe mostrou a espada de D. Affonso Henriques, a qual tomou D. Sebastião, e com grande veneração a beijou dizendo aos fidalgos da sua comitiva:—*Bom tempo em que se pelejava com espadas tão curtas! Esta é a espada que libertou todo o Portugal do cruel jugo dos Mouros sempre vencedora, e por isso di-*

(a) D. Nicolau de Santa Maria, Chron dos Conegos de Santo Agostinho liv. 10.º § 7.º, e Barbosa Mem. de El-Rei D. Sebastião P. III. liv. 2.º cap. 4.º § 26.º e seguintes.

gna de se guardár com toda a veneração.—E entregando ao Prior Geral de quem a recebera, lhe disse:—*Guardai, Padre, esta espada, porque ainda me hei de valer d'ella contra os inburos d'Africa.* Passalos oito annos, lembrado El-Rei d'estas palavras, a mandou pedir ao Geral de Santa Cruz D. Pedro d'Assumpção, para com ella derrotar na expedição d'Africa os sequazes de Mafoma, de cujos fulminantes golpes tinham sido sanguinolentas victimas; porém como estava determinada a ultimo ruina d'esta coroa, não permittio a Providencia, que fosse vencida uma espada sempre victoriosa, ficando por esquecimedto na armada em que El-Rei navegou para Africa.

(Continúa)



Gratos pois a esta boa e terna Mãe, não cessemos de celebrar os seus louvores, nem de solicitar a sua efficacissima protecção. Repetindo as bellissimas palavras de S. Ephrem, digamos a esta Virgem Santissima e poderosa:

Ó Maria, Mãe do meu Deus, vós sois a Rainha do ceu e da terra, e a esperança dos afflictos. Estaes circundada d'uma aureola mais radiosa que o sol; sois mais elevada que todas as creaturas celestes! Fostes a esperança de nossos paes, a alegria dos anjos e a gloria de todos os santos! Ó Virgem que trazeis aos homens a luz e a consolação, vós sois a arca da santa alliança, e vosso Filho, ao mesmo tempo Deus e homem, é o Salvador do mundo!

«Vós sois ó Virgem Santissima, o socorro dos peccadores e a esperança das almas desalentadas; sois a padroeira do mundo inteiro, a mãe dos orphãos, a força dos afflictos, o amparo dos infermos e a salvação de todos! Em vós encontra o solitário o seu repouso e o homem do mundo o seu apoio. Vimos pois, ó Santa Mãe de Deus! refugiarnos sob as vossas azas protectoras. Cobri-nos com a vossa misericórdia; tende compaixão de nós. Supplicamos-vos alcancéis pela vossa intercessão omnipotente que vosso divino Filho, nosso Salvador, não nos rejeite por causa dos nossos peccados, e não nos condemne ás penas eternas!»

Deixemos os herejes e os descrentes qualificar de fanatismo a descreta devoção á Mãe de Deus; no meio das nossas desventuras e nos momentos de expansão da nossa alma, invoquemos o seu santo nome; e tenhamos plena confiança n'essa sapientissima Advogada, que não seremos illudidos.

A. Moreira Bello.

## O NOSSO EPISCOPADO

E' doloroso vêr o estado dos nossos Bispos—: retrahidos a tudo—frios como um cadaver, sem palavra nem voz que levantem do alto de suas cadeiras, fulminando tantos erros, tantas heresias, tantas impiedades propaladas n'esses jornaes que saem das furneas de Satanaz, espalhando veneno, e suicidando a sociedade.

Não: os nossos Bispos não sabem de nada, dormem o sono do indifferentismo, e assim caminham amarrados ao carro de fogo, que a revolução franceza de 93 montou em França, e pôz em circulaçãõ nas ruas de Paris. Não o cremos.

E' devida a esta fraqueza, já condemnada pelo grande e immortal Pio IX, o terem os inimigos do Catholicismo ganhado campo nos nossos arraiaes, e tornarem-se de dia para dia mais ousados, tendo até o arrojo de nos vir provocar dentro do templo, ameaçando o ministro do Senhor, que do pulpitõ exhorta os fieis para permanecerem fieis na fé.

A indignação dos catholicos é geral contra essa imprensa devassa, corrupta e impia, que em caricaturas redicularisa as cousas mais santas e mais sagradas, e ora, (ó vergonha eterna do nosso pobre e miseravel Portugal), veem empregada de artigos, o mais insultante, o mais desavergonhado, o mais atrevido em escarnecer das nossas crenças—dos nossos Santos e do nosso Deus—e até a SS.<sup>a</sup> Virgem?!!

A que estado de degradação chegou a nossa imprensa, e mais ainda, a que estado de fraqueza chegou o nosso episcopado, que não levanta um brado de indignação—que não fulmina com as penas canonicas esses insultos e ultrages á nossa religião—aos nossos Santos, e a seus ministros.

Não: tudo passa; e os nossos bispos, calam e consentem—para não se exporem ás vaias da canatha, e estarem de bem com Cezar. Que fraqueza meu Deus.

O grande doutor da Igreja, S. Jeronymo, trava grande lueta com o papa S. Damazo, sobre ponto doutrinal, para evitar o não se intruduzir doutrina erronea, no regimen da Igreja, prevalecendo afinal a opinião do sabio doutor S. Jeronymo—sem contudo faltar ao respeito ao seu chefe a quem dizia. «senhor, sois a pedra fundamental da Igreja a quem devo obedecer.»

Mas, S. Jeronymo, não podia calar no seu animo a introdução de uma doutrina, contraria ao evangelho—e devido á sua força, coragem e sabedoria, é que a Igreja triumphou n'aquellas remotas eras dos inimigos do Catholicismo.

E que comparação pode haver d'aquelles tempos de tanta penuria e de tanta gloria para a Igreja, com os d'hoje, que, em nome de uma falsa civilisação e educação il-

lustrada, pretendem os espiritos fortes, o cahos dos primitivos tempos?

E' preciso o auxilio dos nossos Bispos—é preciso haver força e coragem para se condemnar o que for condemnavel—é preciso que a sentinella da Cruz, a não deixe desacatar, e ser presa de mãos impias; é preciso que se remedeiem tantos males, se ainda é tempo, para que não sejamos submergidos na onda infernal dos sabios modernos.

E' uma gloria ver o episcopado hespanhol, francez e allemão sempre na brecha e de morrão acezo.

E quaes as condicções, de uns e outros prelados?

Será a falta da assistencia do Divino Espirito Santo aos nossos Bispos—? De certo não.

Esperamos em Deus, que a nossa humilde voz encontrará eco nos anjinhos do Senhor.

### O Padre Senna Freitas e «um crime» que a «Folha Nova» lhe aponta

(Do Progresso Catholico)

A Redacção do Progresso Catholico nem estranhava a ausencia dos artigos do seu chefe, nem respondia ás continuadas perguntas que de todos os recantos do paiz nos faziam, de se o snr. Padre Senna Freitas se divorciara com a nossa folha, porque sabiamos a empreza santa e civilisadora em que andava enpenhado o apostolo do seculo XIX, o jesuita, o Lazarento, o padre que ainda não pensou uma vez ao menos que tinha bocca, e que essa bocca carecia comer todos os dias!

Era para nós um santo o redactor principal do Progresso Catholico! Mas, oh! desgraçada condição da linhagem de Adão, quando nós, n'esta nossa boa fé, de reaccionarios que nos prezamos ser, nos orgulhavam de ter por mestre um filho de S. Vicente de Paulo, um anjo da caridade, vem a Folha Nova apontar-nos um crime, praticado por esse homem, que para nós era a virtude, a abnegação, a caridade personificadas!

Um crime praticado pelo Padre Senna Freitas!

Oh! some-te lembrança!

Mas não ha remedio! E' forçoso que nós, amigo que eramos de esse padre, d'esse roupeiro negro, façamos um esforço sobrehumano e o apresentemos aos nossos leitores tal qual elle é, tal qual nol-o apresenta a Folha Nova, este nosso collega a quem vamos mandar uma commissão para lhe agradecer em nome de todos nós o grande serviço que á Patria, á humanidade, á liberdade, e, por que não? á Carta e aos martyres da dita, acaba de prestar com a publicação de um documento que é o mais franco, o mais estrondoso, o mais extraordinario libello contra a reputação do lazarento Senna Freitas.

Um aperto de mão, collega, enquanto a commissão ahí não chega, e com este aperto de mão um pedido, que esperamos será attendido—documentos como este, é dar-lhe toda a publicidade, que, com elles, desmascaradas que seja a ceita negra certo, será o triumpho da nossa causa, e em breve o facio dos communistas de Paris passeára sinistro por sobre as nossas cidades, e um muntão de ruinas será o trophéo sobre que cravaremos a nossa bandeira, na qual, á luz tetrica do incendio mostraremos as palavras, escriptas com sangue, liberdade, igualdade, e fraternidade!

Mas o crime, venha o crime do Padre Senna Freitas! Sim, venha o crime. Levante-se o patibulo que á mais de cem annos horrorisara o povo de Lisboa; amontoe-se combustivel, como se fizera por ordem do Marquez de Pombal, e vamos acender a fogueira, vamos carbonisar o Padre Senna Freitas, o ministro do Senhor, o padre catholico, que ousou, oh! má morte! dizer que o irmão fizera bem em ir alistar-se sob as bandeiras que, hasteadas por D. Carlos de Bourbon, se desfrandavam aos ventos das serranias asturianas.

A' fogueira, á fogueira o hereje.

Todos sabem que quando a guerra carlista mais se desenvolvia, levando o terror ao campo do liberalismo republicano e atheu da visinha nação, o irmão do Rev.<sup>mo</sup> Padre Senna Freitas, abandonou a patria, a familia, e parece-nos que um emprego que tinha n'uma das repartições do Estado, e foi, com a alma cheia de fé e o coração de santo enthusiasmo, offerecer os seus serviços ao principe que em Hespanha representa a legitimidade e o partido tradicionalista.

Os jornaes deram a noticia e o Padre Senna Freitas confirmou-a pela seguinte carta, publicada na Palavra, e a que a Folha Nova chama dar alento aos inimigos das liberdades patrias:

«Li hoje mesmo no Correio de Lisboa, de sua excellente folha, a Palavra de 13 do corrente, que circulava n'aquella capital o boato de que um jornalista portuguez se fóra alistar sob as bandeiras de D. Carlos. Authoriso a v. a declarar ao publico que este boato é uma noticia certa e incontestavel, e que este jornalista ex-redactor da Patria, é meu irmão, Bernardino José de Senna Freitas, que ha um mez partiu effectivamente para a Hespanha, afim d'offerecer-se á causa carlista e se acha actualmente no quartel general d'aquelle principe, na qualidade de seu official d'estado maior, segundo me refere por carta. Penso que outro jornalista portuguez não partiu d'então para cá para o mesmo ponto e para o mesmo destino. Não dera v. esta noticia se a considerasse como meramente politica, para não contrariar á indole tão discretamente, e tão inalteravelmente estranha á politica da sua religiosa folha (sic), mas por que um triumpho da causa carlista em Hespanha significa aos olhos de todos os homens cordatos de todos os matizes politicos (sic), a unica solução que possa trazer o triumpho da Igreja e da catholicidade á desgraçada patria de Cid.

O acto por tanto de meu irmão assume um caracter religioso, que honra o seu paiz, a sua familia, e a propria sotania de um ecclesiastico, ao qual está vinculado o seu nome.

Santa Quiteria de Felgueiras 14 de dezembro de 1873.—Padre J. J. de Senna Freitas.»

Ahi fica um dos crimes do Padre Senna Freitas. Quantos desejariam d'estes crimes praticar! A Folha Nova é que não é para meias medidas, corta pelo direito, calca todas as considerações para dizer unicamente a verdade, arma que bem manejam estes senhores porque outra não sabem manejar, nem conhecem.

Provemos ainda uma vez que as folhas, da liberdade, novas ou velhas pouco fará ao caso, só dizem a verdade.

A dita nova não quiz dar só as honras da sua critica ao Padre Senna Freitas; tambem o illustrado sacerdote Manoel Joaquim de Mesquita Pimentel a mereceu. Damos por isso os parabens a S. Rev.<sup>mo</sup>.

Diz ella fallando do Rev.<sup>mo</sup> Mesquita Pimentel:

«Como recompensa e premio, alcançou ser nomeado por Pio IX, seu camarceiro, como costumava fazer a todos aquellos, que corajosamente advogavam a causa do obscurantismo (!): e do governo do snr. D. Luiz I, que se intitula rei constitucional, o logar de conego da Sé de Lamego.»

Da primeira recompensa, ainda que nada sabemos a tal respeito, não affirmamos que seja mentira, mas a segunda é uma mentira dita com o descaro com que os sectarios do liberalismo e do maçonismo as sabem dizer. O Rev.<sup>mo</sup> Padre Mesquita Pimentel é professor do seminario de Lamego; mas professor de um seminario será o mesmo que conego de uma Sé?

Fiem-se na Folha Nova e em todas as que á mesma escola pertençam, e andarão tão perto da verdade como os escravinhadores das mesmas andam da sciencia e da boa educação. São escriptores de pé fresco e por isso desconhecem uma e outra cousa, razão porque tem a culumnia por arma.

Elias de Sampaio.

## CORRESPONDENCIAS

Londres, 15 de julho de 1882

(Do nosso correspondente)

Com o maior prazer e interesse leio na Cruz e a Espada as verdades, tão energicas quanto incontestaveis com que ella caracteriza essa praga que o Mindello vomitou sobre a nossa pobre patria. As verdades tão escaldantes, quanto merecidas, que a Cruz e a Espada tão corajosamente atira ás faces do Liberalismo (que está muito longe de ser o culto da Liberdade nobre e verdadeira.

«Da Lusitana antiga Liberdade»,—como cantava o nosso grande poeta—cujos ossos foi profanar essa miseria maçonica que agora lá compraz aviltando cada dia mais e mais a Patria), essas verdades, digo, refrescam e consolam; vendo-se que ainda lá se encontra quem as diga e as escreva, quem as approve e as leia com prazer.

De certo A Cruz e a Espada precisa mui pouco que cá de fóra a ajudem, sendo hoje as questões interiores as vitas para o nosso paiz; e cá por fóra o mundo se importa com elle tão pouco, que quando d'ella se não faz menção, salvo para annunciar, que chegou ou partiu de Lisboa a mala do Brasil!

A' vista d'isto, um correspondente de fóra mui pouco tem que dizer que respeite a Portugal; quando, graças aos effeitos d'essa perfida e maçonica revolução (desde 1820 que foi o principio da nossa ruina—mas já tendo a raíz no Marquez de Pombal, que introduziu as influencias maçonicas, destruindo quanto pôde os catholicos), desceu a nossa patria, da categoria de nação de primeira ordem (como figurou no grande conselho europeu do congresso de Vienna), a ser hoje a infima e menos considerada na europa! Quero ver quem é capaz de me negar este facto! (põho somente de parte, na comparação, aquelles estadistas ainda quasi desconhecidos, que se têm ido destacando na europa do Imperio Turco).

E atrevem-se essas nossos miseraveis escravos da athea Maçonaria franceza, a nos falarem com elogio e respeito de 1820!

E vejo ainda agora mencionado, nem me já lembrava a que proposito, em Lisboa um Club Fernandes Thomaz!!! Porquê esta veneração (maçonica) pelo homem que se applaudiu publicamente, no tal congresso revolucionario (que elle e a maçonaria traçoieramente substituíram ás verdadeiras e legitimas côrtes nacionaes, cuja menção e promessa de reunil-as, fez que o reino adherisse de boa fé ao tal movimento)—se applaudiu, digo, de destruir o magnifico imperio de Portugal Brazil e Algarves, que D. João vi tinha tido o bom senso de crear tres annos antes?!... O tal Dictador de comedia (que ou era um politico nescio ou perficial, ou um traidor da sua patria) insultou e afugentou no congresso revolucionario das Necessidades, em 1822, os deputados e representantes do Brazil; dizendo-lhe estúpida e traçoieramente, em plena Assembléa, e como por escarneo, por elles objectarem á sua louca e superficial tyrannia:

«Ah! querem-se separar de Portugal? Pois separem-se; adeus, senhor Brazil; passe por lá muito bem; não temos precisão alguma de Vmçê.»

Não são estas, já se vê os mesmos termos do infatuado homem; pois não tenho aqui o Diario das Côrtes, onde as mesmíssimas palavras d'elle se encontrarão; mas não tenho duvida alguma de que quanto á sustancia da cousa, é exacto o que digo.

E é um homem que assim, de Portugal, que era (in potentia já, e hoje havia sel-o em realidade e facto) uma Potencia de primeira ordem, com quem só a Inglaterra podia hombraear nas proporções naturaes e immutaveis, fez a nação hoje ser menos considerada, mais insignificante, menos influente na Európa, é um tal homem, digo, que se toma como orago de uma igreja maçonica, a que chamam Club—que já não ha em Portugal palavras para designar uma apreciação ou assembléa sem vir pedir o nome emprestado!

Bem haja, pois, A Cruz e a Espada, que sem cerimonia, conta assim as verdades a essa fútrica maçonica que o atheismo francez inspira cultiva e dirige, para acabar com a nossa pobre patria—outr'ora tão illustre e nobre, e fazer d'ella uma provincia miseravel de uma Iberia maçonica.

Eu estou muito occupado, com uma tarefa o mais singular, que não só me interessa diverte, mas me passou ao ver como um facto é acto meu, em que, no tempo, tanto cuidado e attenção puz, me viesse de tal maneira a passar da memoria inteiramente!

Em 1831, não sei porque phantasia, resolvi escrever, em cada dia do mesmo anno, uma peça de poesia, maior ou menor, mais completa e inteira no mesmo dia. E com effeito perseverei de maneira que cumpri á risca a tarefa. Porém, assim que cumpri á tal penitencia—e mais de quatro vezes zangado comigo mesmo por m'a ter imposto,—atirava com os artigos para uma caixa, ou saco, e nem mais os tornava ou tornei a ler.

Em 1833, todavia, comecei a imprimir em França o singular trabalho, e ia copiando um por um os artigos que extrahia da gaveta, á medida que os ia pondo a limpo, e mandando para Paris, onde d'esta sorte, se imprimiu até o dia 10 de março. Mas, cessando então as facilidades que eu tinha d'enviar pela mala d'este governo o meu manuscrito a Paris, receber e recambiar as provas corrigidas; interrompeu-se a obra, e não pensei mais n'isso, ou n'ella.

Assim, me esqueceu a cousa pelos ultimos 49 annos, quanto a parte que se imprimi-



miu; e pelos 51 da que ficou manuscrita em borrão, em que não tornei a pôr os olhos.

Tenho revisto e transcripto até o dia 22 de agosto (1831); e encontro cada dia cousas da maior importancia e interesse historico a que ao mesmo tempo, ajunto agora explicações, notas e commentarios importantes ou curiosos; mas estes datados todos do dia em que agora escrevo cada um, para se não confundirem com a obra de ha 51 annos.

Escrevo agora estas improvisadas explicações, parte como desculpa de ter escripto muito pouco para A Cruz e a Espada, e parte, porque não deixará o facto de interessar, ou pelo menos, divertir algum leitor do Semanario, que n'isso possa encontrar alguma curiosidade.

Que porém divertirá mais de uma pessoa, quando a cousa appareça, se chegar a apparecer, é o ver eu assim, e estar copiando, nos meus oitenta e dois annos, a obra e os sentimentos, e os procedimentos, e as ideias dos de ha nada menos de meio seculo!

Não deixarão, todavia, mesmo pessoas da minha idade que leiam acaso alguma parte do extravagante livro, se chegar a apparecer, de reflectir, por idosas e maduras que sejam, que já foram tambem, como eu de 31 annos, e menos até.

A Cruz e a Espada desculpará, sem duvida, benignamente este improvisado, escripto agora a vapor.

A. R. Saraiva.

VILLA VERDE, 14 de Julho de 1882

(Do nosso correspondente)

Ha muito que tenho desejado manifestar-lhes a adhesão dos meus sentimentos á causa justa que pleiteam, qual a da religião e moralidade,—sem o que nada pode subsistir, e tudo será anarchico, como infelizmente succede na actualidade.

Tolhe-me, porém, sempre a muita vontade de o fazer a não menos pouca pericia d'escrever, e o retrahimento a que me dei, no cantinho ignorado da minha aldeia, onde vejo passar as coisas do seculo, e as acções dos homens d'elle, com essa nojosa indiferença que inspiram, e esse tedio atroficante que paralysa mesmo a sensibilidade.

É necessaria uma grande força de vontade para se levantar a voz no meio d'este enxamear d'infamias, onde mais é ouvido aquelle que mais prega contra a verdade e a santidade das coisas, e mais vilipendiado aquelle onde reside o direito e a justiça.

Desastrosa aberração esta do espirito humano, cego á razão, e dementado pela corrente dos seus proprios e mesquinhos instinctos!

Fatalidade, que nos ha-de levar, de queda em queda, ao nhyismo inevitavel, até surgir a luz, a luz suave e serena que não queime, mas retempera a pupilla esbraseada, e que não demente, mas acalme os crâneos esbatidos dos malditos fogachos da demasiada liberdade.

Em tudo o termo medio, fôra do qual ha o excesso, e d'elle a compressão e o regorgitar da lava, que produz o incendio.

Por isso a voz do seu jornal me é sympathica, ao elevar-se por sobre o tumultuar fervido das paixões partidarias, quer o faça com a doce calma de quem espera resignado o cumprimento d'uma promessa sagrada, quer lh'estale nos labios a dura frase d'inspirados vaticinios.

Nada posso, nada valho, mas associo-me de coração ao seu preito por—Deus, Patria e Rei.

Feita assim a minha profissão de fé,—de acrisolada fé,—quisera encetar as minhas correspondencias com algumas noticias d'interesse geral, ou mesmo local.

Nada d'isso posso fazer, que a terra é sáfara de noticias, afôra d'isto que ha em todas as terras pequenas, a que se chama propriamente—miserias. D'isto ha muito em todos os logares, em todas as freguezias, e especialmente na cabeça d'esto concelho, onde saltam as miserias em todas as

repartições publicas, com a abundancia que, em dias de verão, as rãs saltam no charco e nos paues.

De miserias é uma praga, esta malfadada terra. Encontramol-as no judicial a encher as medidas ao mais vigente; na camara, e nos actos d'ella, é pedir de boca; na administração, não fallemos; na fazenda... oh!

O que parece incrível é que essas mummies d'agora, a que chamam Zé Povinho, e que foram outr'ora, e ainda não vae muito, o terror dos miseraveis, assista impassivel a esta festa de Neros e Calligulas, e se fiquem arrimados aos valentes e *alisonantes* lólos e carvalhos, com uma perna cruzada sobre outra, a mão esquerda no bolso da pantaloa de tomentos, e a direita indolentemente firmada no bordão!

Ai d'elles, se o leão desperta, que não haverá arrependimentos.

Por enquanto passam como rebanhos de cabras mansas á porta do meu tegurio; e eu, ao vê-los, penso comigo: lá vão estes bórregos tomar opio a Villa Verde.

Com effeito voltam de lá como se os naturassem d'opio.

Uns veem cabisbaixos, com as mãos cheias de bilhetas da decima, da derrama, e das mil comedeilas; outros c'um rôlo de papel azul, que seguram na maior anciedade, e que compraram talvez com a ultima migalha; outros d'erreados com a coima da camara, por as burras que traziam no monte valdio terem atravessado uma estrada incrível; outros ludibriados pela ultima promessa de lhe livrem o filho pela ultima libra que tinham na arca, et cetera.

E' isto que todos os dias se vê, e em prospectiva a fome, e as consequencias d'ella.

No sabbado passado tremeo tudo ao estrepido da cavallaria, e do ordinario da infantaria, que veio conter os impectos da fome ao mercado quinzenal, que se costuma fazer em Villa Verde.

Seria uma boa providencia, não contosto; mas antes de tudo se deviam conter os desperdicios das repartições, e os abusos d'esses esfaimados empregados judiciaes, e do fisco, que tem comido o Zé até só lhe deixar os ossos, e lhe dão agora, por prato d'almoço, de jantar e merenda, espadas, bayonetas e patas de cavallo!

Bem hajas tu, Zé, que o tens querido assim, e agora te ficas boquiaberto ante o aparato marcial, com que te querem festejar o ultimo arranco da tua fome.

Diz-se que ha-de haver nova parada no Pico, amanhã por occasião da feira, que tambem ali se faz quizenalmente.

Boas festas!

É coisa já ahí sabida a peregrinação á Virgem do Sameiro, que estou certo se realisará em principios d'gosto.

Deve-se ao digno Arcypreste a lembrança, que se vê coroados dos mais auspiciosos resultados,—os d'uma boa offerenda para as obras do templo da Santissima Virgem.

Em todas as freguezias do concelho tem os fieis concorrido com a sua esmola para tão piedoso fim, signal este de bom agoiro, e de que o povo, apesar de não ter pelle, tem coração para Deus.

Elle o abençoará para que, desditoso que é, lhe surjam dias melhores.

Amen.

Y.

PROTESTO

Catholicos, ás cinzas do grande vulto do seculo XIX, o pontifice da Immaculada, o sempre chorado Pio IX, de gloriosa memoria para Egreja Catholica, foram insultadas de um modo o mais vergonhoso e infame! A memoria d'este Santo, que cremos piamente está na presença do Altissimo, colheado a corôa de seus martyrios e de suas excellentes virtudes, foi vil, covarde e calumniosamente jinsultada por um miseravel papelucho intitulado «A Justiça» que vê a luz da publicidade na cidade do Porto.

Que baixeza que degradação! Que montão de insultos; que despejar de immudices, que cão raivozo, que mata e apasta, fulminas com seu mau halito tudo que encontra na sua vertiginosa passagem.

Protestamos pois, pela nossa honra, pela de nossos paes, e de nossos filhos, contra tão infamante e denegrido pasquim que envergonharia o povo mais selvagem, e protestemos ainda em nome da nossa religião, offendida e finalmente pela honra e memoria das cinzas do santo e veneravel Pio 9.º de saudosa memoria para a Igreja de Deus.

Ahi fica gravado o nosso protesto, com toda a força da nossa alma.

O COMMUNICADO

do Véritas de Mont'Alegre, no Jornal da Manhã de 14 de Julho.

Snr. redactor.

Este eminente articulista, que se torna notavel pelo estylo de praça, vem descarregar um fardo de calumnias e vituperios no Jornal da Manhã, arremessados ás faces do sabio e virtuoso parochio da freguezia de Reigosa, Salvador Gonçalves de Barros; mas, não admira, porque todos conhecem o pulso do gigante, adestrado no manejo d'aquella vil arma, propria de covardes e infames, escondendo-se detras da toga, para cravar mais á vontade as suas aduncas e denegridas unhas, toga que muitas vezes enverga, sem administrar justiça, com grande escandalo dos povos de Mont'Alegre.

Ora vamos ás calumniosas accusações do Véritas, delegado das justicias n'aquella comarca como é voz publica e notoria.

Diz este saloio, que o reverendo Salvador foi tres vezes chamado ao tribunal—accusado etc.—e perguntamos ao lingua vesperina—qual a sentença condemnatoria?—

—Diz mais o malvado—: foi corrido a fogo do Paredes—; Queira dizer-nos quando é que o reverendo Salvador parochiou em Paredes—por quanto, ignora-se semelhante facto.

Mais: na freguezia de Poiars, aonde parochiou alguns annos, foi festejada a sua retirada—!

Que calumniador de officio, quando o contrario aconteceu, offerecendo-se-lhe até maiores vantagens para não deixar aquella freguezia.

—Agora o mais engraçado—as campanhas de venus.—

O articulista, quer por força aferir a sua bitola por a d'aquelles que lhes fica em zero, e que nunca tiveram as honras de madei-reiros—como de certo o estafado articulista, auctor do celebre communicado, é dado a esse modo de vida.

—Ainda mais—: agora o veremos; é um allicidor de testemunhas— miseravel—as tuas pustulas, não podem nem de leve, contaminar um sacerdote venerando e respeitado de todos—e que sempre tem condemnado as almas denegridas que se servem d'esses meios infames para exercer qualquer vingança, meio proprio só dos pequenos veritas que nem sequer possui os mais leves vislumbres de vergonha, e por isso desde já emprazamos o desgraçado calumniador para provar, ou fornecer pelo menos a mais pequena sombra de provas que fortifique a sua denegrante e asquerosa asserção.

Senão... já se sabe.

—Quanto ao ouzeneiro.

O' podridão dos podrinos! O' feio bicho!! Aonde estás animalzinho?

Este miseravel, ignora que o homem tenha um lapso, ou qualquer equívoco, e logo que deu por elle, o rectifique?

Qual melhor confessar o erro—ou persistir n'elle?—Responde leprozo? Tem vergonha. Quando não queiras responder, aconselhate com o sabio D. de M. cavalheiro, muito conhecido n'essa comarca, e segundo a memoria nos não falha—foi recommendado pelo Exm.º Conselheiro Barjona de Freitas, então ministro das justicias—para que occupasse todas as honras e regalias, empregos e alçadas de toda a comarca de Monte Alegre. Não foi assim?

Que grandeza para um cavalheiro de fresca data, dar o braço ao rectito Véritas?...

Não defendemos as auctoridades.

E' bonito este periodo! como se hão-de defender as auctoridades judiciaes, se o Véritas, o enurrascado articulista, está de toga no braço, e com a penna na mão? Todos te conhecem—minha péga careca da agua quente que te lançaram na nuca.

Banhos de chuveiro e nada mais.

A miseria para se levantar do pó—preciza de braço forte. Não contes com o nosso. Jaze ahí eternamente.

A terra te seja leve.

G. S.

CONSELHO DE DISTRICTO

Sessão de 7 de Julho

(EXTRACTO)

Presidencia do exm.º snr. governador civil Jeronymo da Cunha Pimentel, estando paesentes as vogaes Pimenta Junior, Ferreira Almeida, e Ribeiro de Mello.

Representou o ministerio publico o bacharel Gaspar Pizarro, 1.º official, servindo de secretario geral.

Esteve tambem presente o delegado do thesouro, dr. Souza Reis.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, foram resolvidos os negocios seguintes:

CONTENCIOSOS

Attendeu o recurso de Manoel da Silva Fontes de Villa Nova de Famalicao, interposto da decisão da junta de repartidores da contribuição industrial.

Denegou provimento aos recursos do es-crivão de fazenda do mesmo concelho, interpostos da decisão da referida junta que attendeu ás reclamações de João José d'Oliveira de Azevedo, Bernardino Ferreira de Macedo, Joaquim Rodrigues Alves, Antonio Mouteiro, Antonio José Dias Sampaio, Joaquim Antonio d'Azevedo Almeida, Antonio José de Barros d'Andrade, Luiz Antonio de Paiva Macado, Joaquim José Dias, José Carneiro da Silva, José Alves Pimenta, Luiz José da Silva, Manoel José Corrêa, Joaquim d'Araujo, Manoel Baptista do Nascimento, Bernardino Cardoso de Souza, José Monteiro, Rodrigo d'Araujo, Antonio d'Araujo Junior, Antonio Malvaz.

Deu provimento aos recursos do mesmo es-crivão, interpostos da decisão da junta de repartidores que attendeu á reclamação de José Gonçalves Ferreira, da freguezia de Ribeirão.

Não tomou conhecimento, por se julgar incompetente, do recurso dos facultativos do hospital de S. Marcos.

Approvov as seguintes contas:  
No concelho de Braga—do SS. Sacramento e Senhora da Purificação, da freguezia de Semelhe, dos annos de 1878 a 1879 até 1880 a 1881; e da junta de parochia de Teboza, respeitantes a 1880.  
No concelho d'Espozende—da junta de parochia da freguezia de Fão, respeitantes a 1881.

No concelho de Fafe—do SS. Sacramento, das freguezias d'Estorões, S. Miguel do Monte, Cepães, Armil, e Senhora do Rosario, da freguezia de Fafe, todas respeitantes a 1880-81.

No concelho de Villa Verde—da junta de parochia de Freiriz, respeitantes a 1878-79 a 80.

NOTICIARIO

Grande arrataal.—É este anno festo-jado com a maior pompa possivel o apostolo S. Thiago da rua da Boa Vista.

Na vespera á noite haverá uma deslumbrante illuminação que principiará á boca do Populo e segue até ao sitio do Marmeleiro, fogo, bazar de prendas e duas bandas de muzica, sendo uma d'ellas a Philharmonica.

Este anno os devotos do mesmo Apostolo tencionam apresentar além do quadro da pesca um outro, onde estará o heroico Santo batalhando com os Mouros.

É esta uma das melhores festividades de rua onde na vespera (á noite) costumam ali concorrer milhares de pessoas.

Dizem-nos que este anno não ha luz electrica pelo systema de peneira.

Vamos a ella.—Será Placido dos Anjos, morador ao Marmeleiro, fundo da rua da Conega tencionam apresentar na vespera de S. Thiago boa trincadeira, sendo alhos assados, cabidella, arroz de frango e boalhaça cosinhada pelo systema de Antonio Ganito.

O mesmo Placido dos Anjos, tracta em ajustar com os denodados pescadores a primeira carregação de peixe que abordar á praia e n'esse caso haverá mais a boa pescada cosida, assada e fritada, não esquecendo as teimosas de cabeça.

Com toda a seriedade, previne de que tudo isto é para aquelles que forem armados com os cobres, pois do contrario folgam d'olho.

Virgem das Angustias.—Com a solemnidade propria do culto catholico, tem de sabir amanhã da Egreja parochial de S. Victor a procissão da Mãe de Deus, que junta da Cruz alcançou a heroicidade significada na epigrapha da nossa noticia.

Somos informados que apparecerá este anno no andar da Senhora um rico saial tecido na fabrica de séda do sr. Silva de Guadelupe.

Segundo o costume, hirá na frente d'este religioso prestito a imagem da Virgem cavalgando na sua elegante jumenta, representando o quadro doloroso da fugida para o Egypto, terra que hoje se vê profanada com o sangue da maldita revolução do seculo actual.

Nova mesa.—Procedeu-se no dia 29 do junho á eleição da nova mesa de S. João



Baptista na igreja de S. João do Souto, e foram eleitos os seguintes senhores:

Juiz, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eduardo Carvalho.  
Presidente, Candido Augusto M. Pinheiro.  
Secretario, Manoel Loureiro d'Araujo

Braga.

Vedor José Ferreira Braga.

Ex-vedor, José Firmino d'Almeida.

Thesoureiro, José da Silva Maya.

Procurador, Antonio Joaquim d'Assumpção e Souza.

Zeladores, Manoel Casimiro da Costa.

Antonio Mattos

Mordomos, José Luiz da Silva.

Francisco dos Santos Coelho

Ant.<sup>o</sup> José Gonçalves Vieira.

João Antonio d'Oliveira.

**Grande desordem.**—Hontem na freguezia de S. Pedro d'Escudeiros, deu-se uma grave desordem entre José Antonio Rodrigues Barbosa e Joaquim Antonio Bravo, por causa de uma agua.

Consta-nos que o Bravo fez fogo de espingarda contra o regedor, que tratava de manter a ordem, e até se diz que ficou morto.

Seguiu para ali uma força para capturar os desordeiros.

Esperamos esclarecimentos do occorrido.

**Malhada.**—No domingo ultimo fez-se na freguezia de Nogueira uma grande malhada de Centeio, com 12 homens.

Foi grande o escandalo, e o reverendo parcho lamentou semelhante desacato ao preceito da santificação do Domingo.

Diz-se, que o antigo cura d'aquella freguezia assistia a ver manobrar o pirtigo do malho.

Que grande escandalo meu Deus!

**Titular Bilhastre.**—Foi preso recentemente em Madrid o celebre marquez de Rays, aquelle amaldiçoado fundador da colonia catholica de Port-Breton, a quem tão cruéis desillusões amarguraram n'essas hospitais paragens.

O alludido cavalheiro de industria foi reclamado pelas auctoridades francezas.

**O general Skobeleff.**—Participam de S. Petersburgo que o general Skobeleff, morto um dia d'estes, deixou memorias sobre a guerra do Oriente, sobre a campanha contra os tekés e sobre as manobras do exercito allemão em 1870.

Vão ser publicadas.

**Comercio de vinhos.**— Participam da Regoa.

Continua sem alteraçao sensivel o estado do commercio de vinhos na nossa praça.

Os vinhos de consumo conta-se ainda de 27,000 a 32,500 reis.

Os verdes, dos altos, regulam entre 19,5 a 23,000.

A aguardenta socilla entre 133,000 e 134,500 reis, tendo sido vendida na ultima feira de Aljô a 135,000, porta no Pinhão.

**Entenamento.**—Lemos na folha regoense «A Voz do Douro»

já chegou do Porto o resultado do exame medico legal feito nas visceras de João Teixeira Borda, trabalhador, casado, mordomo no Bameiro, freguezia de Laredo.

Como os nossos leitores devem estar lembrados, Borda falleceu quasi repentinamente de a voz publica accusara a sua mulher, Florinda Pereira, e Manoel de Mesquita, amantado d'esta, de haverem envenenado o fallecido pelo que foram estes presos, e feita a autopsia ao cadaver.

Do resultado do exame, sabe-se que o fígado e intestinos continham uma grande porção de arsenico.

SEMANARIO DOS FILHOS DE MARIA

SUMMARIO do n.º 17.—Nossa Senhora do Carmo, por A. Moreira Bello —O triumpho da santa cruz —O anjo Custodio do reino —O beato Ignacio d'Azevedo e seus companheiros martyres —Virgo Potens (poesia), por Maria das Doreis —Meditação deante da gruta de Lourdes —S. Vicente de Paula, por Ravary —Alma Redemptoris Mater (poesia), por — Pequenas conferencias sobre o Christianismo —Historia da Santissima Virgem —A perola d'Antiochia, por P. Bayle —A Virgem do Carmo —Discurso —Meditações religiosas — por S. R. —Chronica —Subscrição piedosa.

AGRADECIMENTOS

Maria do Patrocinio Torres e marido João Ferreira Torres, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do falleci-

mento de seu pae e sogro João da Silva. Braga 10 de Julho de 1882.

Maria do Patrocinio Torres,  
João Ferreira Torres.

Miguel Maria Mendes da Silva, em extremo penhorado pelos obsequios que recebeu por occasião do fallecimento e enterro de sua chorada esposa D. Ermelinda Augusta Cerqueira da Silva, o que tivera lugar no dia 6 do corrente, vem por este meio agradecer e protestar a todos o seu mais indelevel reconhecimento, estima e amizade, pedindo desculpa de qualquer falta involuntaria que por acaso se desse.

Braga 12 de Julho de 1882.

(54) Miguel Maria Mendes da Silva.

ANNUNCIOS

BANCO DO MINHO

Está aberto o pagamento do dividendo d'este Banco, relativo ao 1.º semestre de 1882, na razão de 3 por cento ou 3\$000 reis por acção, livre de imposto, todos os dias uteis, das 10 horas da manhã á 1 da tarde, seguintes localidades:

Em Braga—Na sede do Banco.

No Porto—Na Caixa Filial.

Em Lisboa—No Banco Lisboa e Açores.

Em Guimarães—Em casa do sr. Domingos Fernandes Guimarães. —(55)

Arrematação

Pelo Juizo de Direito da cidade e comarca de Braga e cartorio do escrivão do 1.º officio do Juizo supra, se faz publico que no dia 30 d'este corrente mez de julho por 10 horas da manhã no Tribunal Judicial d'esta comarca terá lugar em hasta publica a arrematação do arrendamento por um anno, a principiar no dia de S. Miguel (29 de setembro) de 1882, a fiadar em outro igual dia do anno de 1883, de uma morada de casas Apallaçadas, jardim, pomar e mais pertencas, sita na rua dos Granginhos, d'esta cidade, que foi arrestada aos herdeiros do fallecido Visconde de S. Lazaro, pela Gerencia do Banco do Minho, com sede n'esta cidade de Braga.

Braga, 20 de julho de 1882, leva um sello de dez reis.

O Escrivão

José Firmino da Costa Freitas.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

(56) Adriano Carneiro de Sampaio.

Citação edital

Pelo Juizo de Direito da cidade e comarca de Braga, e cartorio do 3.º officio de que é escrivão o abaixo assignado, corre seus termos uns autos de habilitação, pelos quaes se pretende habilitar Josefa Maria d'Oliveira, viuva e seu filho Antonio Ferreira Veiga, da rua dos Pelames, d'esta cidade, como pessoas legitimas para receberem uma letra saccada a favor de seu marido e pae fallecido José Ferreira Veiga, pelo Banco Commercial e Industrial com sede na cidade do Porto de 243\$240 reis sobre a sua agencia n'esta cidade, Valença, Filho & Comp.º—sendo por isso pelo presente citadas todas as pessoas incertas que se julguem com direito á sobredita quantia, para na 2.ª audiencia d'este juizo, depois de findo o prazo de 30 dias que marcados se acham, e que principiarão correndo da publicação do 2.º annuncio fei-

to na folha official do Governo, verem accusar a citação, e na mesma 2.ª audiencia assignar-se-lhes 3 audiencias para deduzirem o que tiverem a oppôr a tal respeito, sob pena de seguir seus termos a mesma habilitação ás revelias. As audiencias n'este Juizo, fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana não sendo dia Santo ou feriado porque sendo-o se fazem nos immediatos no tribunal judicial sito no largo de Santo Agostinho d'esta cidade.

Leva o sello de estampilha da taxa de 40 reis devidamente enutilisado.

Braga, 20 de julho de 1882.

O Escrivão do processo

Antonio José Cunha Vianna.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

(57) Adriano Carneiro de Sampaio.

Pelo Juizo de Direito da comarca de Braga e cartorio do escrivão do 6.º officio abaixo assignado, se ha-de proceder no dia 6 do proximo mez de Agosto pelas 10 horas da manhã na Praça publica das arrematações á porta do Tribunal, no largo de Santo Agostinho d'esta cidade, á arrematação dos bens penhorados á executada Maria José Soares, viuva de Paulo Francisco da Silva, da freguezia de Mire de Tibães d'esta comarca, na execução contra ella e seus fiadores movida pelo juiz e mezarios da confraria das Almas de São Jeronymo de Real, da mesma comarca, os quaes são: um predio mixto, casa sobradada com lojas, pateo, corte e cido junlo de natureza de prazo foreiro ao Visconde de Lagoa, sito no lugar de Agra-Monte da dita freguezia de Mire de Tibães, avaliada em 484\$000 reis, e uma leira de terra lavradia com arvôres, serventias e logradouros, de natureza de prazo situada no lugar de Agra-Monte ou Bouças na mesma freguezia de Mire de Tibães, avaliada em 50\$000 reis. Na avaliação não abateram os louvados foros e laudemios, por não terem informações, ou titulos, do quantitativo d'elles.

E pelos editos que se passaram para a arrematação, e por este e outro igual annuncio, são citados e chamados todos os credores incertos dos ditos executados para assistirem á dita Praça e virem deduzir seus direitos e preferencias dentro do prazo que a lei lhe concede com a pena da lei, e de revelia quando não compareçam. Vae colado e inutilisado n'este annuncio um sello de 10 reis.

Braga 12 de Julho de 1882. E eu

José Luiz d'Oliveira Pessa, Escrivão-o subscrevi e assigno.

José Luiz d'Oliveira Pessa.  
Verifiquei a exactidão,  
Adriano Carneiro de Sampaio.

SEMANARIO DOS FILHOS DE MARIA

MENSAGEIRO DO CORAÇÃO IMMACULADO

(Com licença de S. Em.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Cardeal Bispo do Porto)

Com este sympathico titulo publica-se com a maxima regularidade no Porto, desde 25 de março p. p., sahindo no sabbado de cada semana um n.º de 16 paginas em 4.º, um periodico especialmente dedicado, como indica o seu nome, á Virgem Santissima, porém que se occupa tambem de outros variados e interessantes assumptos religiosos e moraes, e do movimento catholico do mundo. As festas principaes da semana seguinte, sobretudo as de Nossa Senhora, são commemoradas em prosa ou verso, e no fim de cada mez dá-se a intenção geral do immediato, para as pessoas piedosas que d'esse modo o queiram santificar.

Esta publicação religiosa, unica no seu genero em Portugal, tem merecido os elogios e ardente recommendação de toda a imprensa catholica do paiz, e de pessoas competentissimas pela sua illustração e piedade. No fim de cada anno formará um grosso volume de 832 paginas ou dois de 416, repletos de doutrina religiosa e amena, escrupulosamente escolhida. Depois do que fica dito, seria ocioso encarecer a immensa utilidade d'este semanario no seio das familias christãs e nos estabelecimentos de educação verdadeiramente catholica.

Assigna-se no Porto, na rua da Picaria n.º 97, em casa de Manoel Malheiro. São os seguintes preços da assignatura, paga adiantada:

Porto: um anno ou 52 numeros, 1\$600 reis; 6 mezes ou 26 numeros, 900 reis.

Fóra do Porto: 1 anno, 1\$800 reis; 6 mezes, 1\$000

São obsequiosissimos correspondentes d'este semanario:

Em Braga ill.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> Padre Manoel Martins d'Aguiar.

Em Penafiel o ill.<sup>mo</sup> rev.<sup>mo</sup> Padre Antonio Luiz de Magalhães.

Em Santo Thyso o ill.<sup>mo</sup> sr. Antonio Candido de Souza e Vasconcellos (Burgães).

Encarregam-se de assignaturas, e receber a importancia das mesmas.

HOTEL LUZO BRAZILEIRO

PRAÇA DO BARÃO DE S. MARTINHO

Proximo ao Passeio Publico

Braga.

Este novo Hotel decentemente mobilado, oferece aos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Hospedes, as commodidades precisas tanto em acio como em limpeza, por preços muito razoaveis.

O PROPRIETARIO, Almeida Maya.

PROTESTO

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

TYPOGRAPHIA LEALDADE DE MANOEL JOSÉ ANTUNES DE CARVALHO

Rua de Jano N.º 1-1.º andar.